

RESUMOS DE E DISSERTAÇÕES

RESUMOS DE TESE
E DISSERTAÇÕES

A (IN)VISIBILIDADE DE UMA ATIVIDADE PRATICADA POR MUITOS: O EXTRATIVISMO E OS CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO DE PINHÃO EM SÃO FRANCISCO DE PAULA, RS

Camila Vieira-da-Silva

Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

O pinhão é uma importante fonte de alimento e renda para comunidades rurais que residem na região de ocorrência da Floresta com Araucária, ecossistema associado à Mata Atlântica. Embora sua coleta seja praticada por muitos, há poucas pesquisas acerca deste tema. Diante disto, este estudo objetivou compreender os aspectos históricos, sociais e econômicos relacionados ao extrativismo do pinhão em São Francisco de Paula, RS. Para tanto, utilizou-se a abordagem teórico-metodológica da Teoria de Sistemas Agrários aliada ao estudo sobre os canais de comercialização. A partir da reconstituição e diferenciação da evolução dos Sistemas Agrários de São Francisco de Paula, constatou-se que o pinhão, em tempos pretéritos, estava associado ao livre acesso, sendo fonte de alimento e renda, principalmente, para os grupos sociais que foram sistematicamente alijados do acesso à terra. No entanto, frente à valorização deste produto em mercados regionais, o extrativismo de pinhão despertou o aumento de interesses de proprietários de terra em explorar esse recurso, oca-

sionando o conseqüente impedimento ou exigências e contrapartidas para o livre acesso às araucárias. Evidenciou-se ainda que esta mudança de postura dos proprietários de terras em relação ao pinhão é decorrente também do processo de cerceamento e vigilância para com as populações locais representados, sobretudo, pelos termos da legislação ambiental. Através do diagnóstico socioeconômico dos sistemas de produção, constatou-se a existência de dois grupos sociais de coletores de pinhão, os *Trabalhadores Rurais e Urbanos e os Agricultores*, em que o principal critério para a separação dos grupos foi a disponibilidade de acesso à terra. Averiguou-se que, para ambos os grupos existe a ocorrência de tipos sociais, onde o pinhão é coletado visando o autoconsumo e eventual venda de excedentes, e outros tipos em que a coleta é destinada, basicamente, à comercialização. Em relação aos canais de comercialização de pinhão e seus agentes, identificou-se a existência de canais longos e canais curtos, conforme descrição de Marsden (2003). Observou-se que o pinhão *in natura* é vendido nos dois tipos de canais. Contudo, quando o pinhão é vendido via canais curtos o preço praticado pelo produtor primário é mais elevado. Contrariamente, os produtos derivados de pinhão são vendidos, exclusivamente, em canais curtos. Constatou-se ainda que na região estudada os canais longos de comercialização de pinhão não são estruturados, que o pinhão processado é comercializado, basicamente, por agricultores que possuem acesso às feiras e que não há comercialização de pinhão para os mercados institucionais.

Tal situação foi relacionada à grande informalidade das relações comerciais, à falta de instituições que auxiliem no ambiente organizacional dos canais de comercialização do pinhão e a um ambiente institucional que desestimula a atividade de coleta. Por fim, do ponto de vista do desenvolvimento rural, este trabalho demonstrou que o extrativismo do pinhão, além de se constituir em uma forma de inserção econômica e reprodução social, caracteriza-se como um componente cultural muito importante para os agricultores e trabalhadores rurais e urbanos da região de São Francisco de Paula, RS; ao mesmo tempo em que revelou a necessidade de aprofundar maiores reflexões acerca do extrativismo e do sistema extrativista dentro do sistema de produção.

CONHECIMENTO ECOLÓGICO E MANEJO DE PALMEIRAS PELOS QUILOMBOLAS DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE, MATO GROSSO, BRASIL

Joari Costa de Arruda

Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2013.

As palmeiras são encontradas em grande número de espécies; mundialmente são registrados aproximadamente 189 gêneros e 3.000 espécies, com ocorrência principalmente nos trópicos e subtropicais, raras nas regiões desérticas e

polares. No Brasil, ocorrem 42 gêneros e 264 espécies, sendo 113 endêmicas. Destas, 32 gêneros e 147 espécies são encontradas na Floresta Amazônica, algumas destas espécies são usadas ou têm potencial de uso na: alimentação, ornamentação, construção de moradia e artesanatos, por povos indígenas, quilombolas e outros grupos sociais. Na Amazônia Mato-grossense, em Vila Bela da Santíssima Trindade, fronteira com a Bolívia, as palmeiras são usadas pelos quilombolas, descendentes dos primeiros afrodescendentes que vieram para o Mato Grosso. Este trabalho teve como objetivo estudar o conhecimento ecológico tradicional e uso da biodiversidade de palmeiras pelos quilombolas de Vila Bela da Santíssima Trindade, contribuindo com o progresso científico, favorecendo o desenvolvimento regional em bases sustentáveis. Os métodos utilizados foram: bola de neve para a seleção dos entrevistados, entrevistas estruturadas e semiestruturadas, lista livre, observação participante e registro fotográfico. As trinta e duas entrevistas foram realizadas em três comunidades quilombolas: Boqueirão, Retiro-Casalvasco e Manga. A lista livre mostrou domínio cultural de 18 espécies de palmeiras; o consenso cultural concentra em sete espécies baseado no índice de Smith's. Ordenados de acordo com a sequência do índice, o babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.) foi a espécie com maior índice (0.940), seguida pelo acuri (*Attalea phalerata* Mart. ex Spreng.) (0.639), açai (*Enterpe precatória* Mart.) (0.512), bocaiuva (*Acrocomia aculeata* (Jacq) Lodd. ex Mart.) (0.457), tucum (*Astrocaryum huaimi* Mart.) (0.410),

guariroba (*Syagrus comosa* (Mart.) Mart.) (0.359) e buriti (*Mauritia flexuosa* L.F.) (0.336). Das 18 espécies conhecidas os quilombolas relataram uso para 17 espécies, sendo 61% na alimentação, 50% no feitiço de artesanatos, 44% na construção de casas, 11% como adubo e na medicina popular, 5% na higiene, como combustível e na ornamentação. O uso de espécies florestais não madeireiras, como as palmeiras, possibilita uma alternativa econômica complementar à pecuária leiteira, garantindo uma autonomia do mercado regional, como a oferta de alimento do açaí amplamente consumido no mercado nacional, ou ainda na produção de artesanato pelo buriti e babaçu, pois integram conhecimento, saberes biológicos e culturais, possibilitando programas de conservação *in situ* desenvolvidos em uma perspectiva etnocultural.

ENTRE O EXTRATIVISMO E A CATAÇÃO: UTILIZAÇÃO DE SEMENTES DE ANDIROBA (*CARAPA GUIANENSIS* AUBLET) NO MUNICÍPIO DE MARAPANIM (PARÁ, BRASIL)

Diego Corrêa Furtado

Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas. Belém, Universidade Federal do Pará, 2012.

O estudo explora a temática referente ao extrativismo de andiroba (*Carapa guianensis* Aublet). Regularmente, este tipo de estudo é realizado em localidades próximas a florestas, pois as árvo-

res de andiroba, dispostas ao longo de toda a bacia amazônica, ocorrem em florestas de terra firme, várzeas e igapós e às margens de rios e riachos. Os alagamentos a que algumas dessas áreas estão sujeitas, entretanto, promovem a dispersão hidrocórica das sementes de andiroba. Esse mecanismo, além de possibilitar a diminuição da competição intraespecífica nas áreas de produção de sementes e o alcance de novas áreas para colonização, garante a inesperada disponibilidade de um valioso recurso natural a povoados distantes. O valor das sementes de andiroba está associado à produção de óleo, através de um longo e cansativo processo de beneficiamento. O óleo de andiroba é popularmente reconhecido por suas propriedades medicinais, sendo não apenas reservado ao autoconsumo, como também objeto de comercialização. A par deste cenário, buscou-se conhecer a utilização das sementes de andiroba nos distritos costeiros de Camará, Crispim e Marudá, situados no Município de Marapanim (Pará, Brasil). Com crescente importância para o turismo estadual, o referido município possui praias onde, durante o intervalo entre os meses de março e maio, se depositam sementes de andiroba, em decorrência da ação das marés. Utilizou-se o método de estudo de caso, composto pelas técnicas de observação participantes, entrevistas com roteiros semiestruturados e debates temáticos. A aplicação das técnicas e pesquisa permitiu que se caracterizassem os extrativistas, identificados predominantemente como mulheres, migrantes e com cerca de 50 anos. Descreveu-se a constituição das famílias envolvidas com a atividade,

assim como as etapas do processamento das sementes no contexto estudado e o papel desempenhado pela comercialização do óleo de andiroba na formação da renda mensal das famílias extrativistas durante a safra da espécie. Também foram analisados alguns elementos subjetivos, como a formulação de crenças de cunho mítico ligadas ao processamento das sementes de andiroba, a capacidade de autodenominação dos interlocutores enquanto extrativistas e as visões de crença ou descrença e temor ou destemor perante a questionável disponibilidade futura de sementes nas areias das praias locais. Concluiu-se, por fim, que a extração do óleo de andiroba nos distritos visitados se baseia em conhecimentos técnicos e construções simbólicas introduzidas por pessoas oriundas de áreas onde o extrativismo de andiroba já era praticado antes de seu deslocamento, especialmente durante a infância, o que denota a importância dos processos de socialização das crianças através da atividade. Apesar do aumento de renda das famílias comercializadoras de óleo nos meses imediatamente posteriores à safra da andiroba, entretanto, a inexistência de árvores da espécie nas praias faz com que os interlocutores expressem dúvidas acerca de sua identificação como extrativistas

QUANDO OS PAUS DE FRUTA DA MATA VIRAM PLANTAS: O AMÁLGAMA ENTRE AGRICULTURA E FLORESTA NA RESEX ARIÓCA PRUANÃ, OEIRAS DO PARÁ

Amintas Lopes da Silva Junior

Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas. Belém, Universidade Federal do Pará, 2012.

O estudo consiste em uma investigação, empreendida a partir de uma abordagem qualitativa, acerca do uso alimentar de espécies vegetais silvestres pelos moradores da vila de Melancial, uma das maiores aglomerações humanas da Reserva Extrativista Arióca Pruanã, no Estado do Pará. As espécies vegetais silvestres alimentícias levantadas são todas produtoras de frutos comestíveis. Foram registradas as práticas de manejo, coleta, preparo e consumo destas espécies, assim como o papel dos membros da família em cada uma das etapas mencionadas. Foram empreendidos esforços no sentido de compreender os fatores que levam as pessoas a coletar e consumir estas espécies e de registrar o conhecimento que as pessoas detêm sobre elas. Além disso, buscou-se verificar se estas espécies se encontram de alguma forma ameaçadas. Constatou-se que as estratégias de obtenção de alimentos são diversificadas em Melancial e se coadunam em um calendário complexo que inclui atividades como agricultura, pesca, criação de animais, caça, coleta de frutas silvestres e compra de rancho. Entretanto, se estas atividades têm em comum assegurar o acesso à alimenta-

ção, também se encontram imbricadas nas práticas cotidianas, que, em seu conjunto, resultam no manejo da paisagem. O repertório de conhecimentos necessários à manutenção dos modos de vida dos moradores de Melancia extrapola aquele estritamente relacionado às espécies da flora e da fauna. Este arcabouço inclui ainda a capacidade de analisar fenômenos climáticos, pedológicos, topográficos e hidrográficos, em um contexto marcado por distintas práticas e eventos sociais, além de formas de apropriação dos recursos. Fatores como o apreço pelas frutas e a manutenção de vínculos de pertencimento e identidade condicionam tanto quanto fatores fisiológicos e econômicos a opção pelas frutas silvestres na dieta das famílias. A divisão sexual do trabalho se evidencia sutilmente nas etapas de manejo, coleta, preparo e consumo das frutas silvestres. À exceção da exploração madeireira, não pairam ameaças sobre as espécies vegetais silvestres de uso alimentício. O domínio sobre o território parece estar se circunscrevendo cada vez mais aos limites da área comunitária. Os terreiros e sítios se destacam enquanto interface entre agricultura e extrativismo. A agricultura depende da floresta e a reconfigura em capoeiras e sítios, assim como a floresta se insinua nos terreiros à medida que espécies vegetais silvestres são introduzidas aí, por mãos humanas. O resultado deste manejo é o agroflorestamento da paisagem, face visível do amálgama entre agricultura e floresta.